



JÓ: ENTRE A TRADIÇÃO E A EXPERIÊNCIA – REFLEXÃO SOBRE A CRISE DO DISCURSO TEOLÓGICO NO PERÍODO PÓS-EXÍLICO

William Robson Cazavechia¹

RESUMO: O período pós-exílico proporcionou crises para Israel que atingiram todos os âmbitos da vida desse povo. Sobretudo, e de especial importância para esta pesquisa, atingiu profundamente o discurso teológico. Toda uma tradição que se desenvolveu durante muito tempo se vê incapaz de responder aos novos problemas insurgentes dos acontecimentos que atingem Israel. A pesquisa consiste em demonstrar o conflito, a partir do livro de Jó, entre as afirmações da antiga tradição sapiencial a respeito de Deus e as afirmações que o poeta/autor de Jó faz por meio de seu personagem. O objetivo é descrever a crise do discurso teológico no pós-exílio a partir do livro de Jó – mais precisamente a partir da perícopa 42,1-8 – um período que exige que as questões “quem é Deus (lahweh)” e como esse Deus age em relação à injustiça sejam respondidas. Tanto a tradição como Jó, a partir de sua experiência, procuram respondê-la. Os resultados desses esforços serão diferenciados, uma vez que Jó nega a doutrina da retribuição e apresenta um discurso teológico baseado na concepção de um Deus que não preocupa-se em retribuir o homem em seus esforços, mas que o acompanha mesmo nos momentos mais difíceis e de sofrimento.

PALAVRAS – CHAVE: Pós-exílio; Doutrina da Retribuição; Crise do Discurso Teológico.

INTRODUÇÃO

A história de Israel revela um povo que se esforça em seu relacionamento com seu Deus (lahweh). As vicissitudes desta história são tantas e os conflitos são constantes. Embora o período pós-exílico seja apenas uma parte desta história, é um período muito importante. Israel havia sido exilado pelos babilônios no ano 597 a.C. quando sua capital, Jerusalém, foi devastada pela ação do exército sob o comando de Nabucodonosor (605/4-562 a.C.). Foi o exílio o acontecimento que marcou para sempre a história de Israel. Nunca mais esse povo seria o mesmo. Sua existência como Estado independente havia chegado ao fim como também a sociedade marcada por seu culto nacional encontrou obstáculos insuperáveis. Embora não tenha sido o fim de sua história, o povo israelita sempre carregará consigo as marcas deste acontecimento. E, no período pós-exílico estas marcas podem ser encontradas.

O período pós-exílico é, portanto, um período complexo e de crises. Nele toda tradição procura se firmar diante os problemas causados pelas agressões estrangeiras. Ciro (550-530 a.C.), o Imperador persa que derrotou a babilônia, foi também responsável por um edito (no ano de 538 a.C.) que permitia a volta dos judeus para sua terra. A restauração se torna, devido a essa abertura concedida pelo imperador persa, o apetrecho dos líderes israelitas. Sobretudo, o domínio sobre Israel foi contínuo. A Pérsia ofereceu as

¹ Acadêmico do 4º ano do curso de Teologia do Centro Universitário de Maringá – CESUMAR; e do 1º ano do curso de Filosofia na Universidade Estadual de Maringá – UEM. Trabalho finalizado pelo PROBIC – Programa de Bolsas de Iniciação Científica do CESUMAR, sob orientação do Prof. Dr. Robert Robert Stephen Newnum. wrcazavechia@yahoo.com.br

condições para a volta à terra própria do povo, entretanto, não deixou de dominar e governar Israel através de seu aparato administrativo, econômico e militar. Esse domínio certamente proporcionou crises para Israel em todos os âmbitos da vida, e de especial importância para esta pesquisa, crises que atingiram a religião e os discursos teológicos.

Destarte marcado pela tentativa de restauração, o objetivo desta pesquisa referente ao período pós-exílico é justamente a crise. Mais especificamente a *crise da idéia de Deus* (SICRE, 1994, p.278) e conseqüentemente, a crise do discurso teológico dos séculos V-III. Nessa época surgem os livros de Jó e Eclesiastes (Qohélet), obras que se distanciam dos resultados e do otimismo de seus antecedentes. Aprofundam as questões da existência humana e procuram restaurar a imagem de Deus perdida devido às vicissitudes históricas sofridas pelo povo. Confrontam uma religiosidade falsa baseada em uma relação comercial com Deus. É um discurso teológico saudosista que nada tinha de relação com a dura realidade do povo. Estes livros procuram falar de Deus a partir de uma experiência vivencial com Deus.

O livro de Jó é uma das obras mais apaixonantes de toda a história da humanidade. E nela encontramos o conflito vivido nessa época entre a tradição, baseada em um Deus retributivo, e a experiência de quem está sofrendo realmente com toda a opressão e desesperança e que procura descobrir a gratuidade de Deus. O livro de Jó, mais do que abordar o problema do mal, procura abordar o tema de como falar de Deus e dirigir-se a Deus a partir do sofrimento do inocente. “É este, com todas as suas conseqüências sobre a compreensão da justiça e da gratuidade de Deus, o tema central da obra” (GUTIÉRREZ, 1987, p.41).

A nível introdutório à questão basta sabermos que os amigos de Jó, representantes de uma tradição antiga, apontam o que Jó deve fazer e o que fariam em seu lugar. Mas na verdade não conhecem seu sofrimento. Estão distantes de Jó, pois, para defenderem o próprio discurso de Deus procuram acusar a Jó e simplesmente deixa-lo pagar pelo delito que cometeu. Afinal, de acordo com eles, Deus não permite que o justo venha a sofrer. Se Jó está sofrendo é porque em algum momento fez algo que merece a punição divina. A existência de Jó depende de sua própria crença. O problema nesse momento histórico do pós-exílico é que o falar de Deus se tornou difícil devido aos acontecimentos que aparentemente omitem a ação desse Deus ou fazem dela algo distante e punitiva. Jó precisa esclarecer quem é Deus. Ele já ouviu falar dele, mas o está estranhando a partir do confronto com sua experiência. Assim, Jó está do lado do sofrimento e conhece sua miséria. Seus amigos representam e a tradição calcada na história e na doutrina da retribuição, mas não reconhecem a condição de Jó. Jó, por sua vez, responde a sua situação de desespero com sinceridade. Assim, a presente pesquisa procura responder as seguintes questões: Qual a origem e os causadores da crise do discurso teológico no pós-exílio? Como e porque Jó entra em conflito com o discurso dos seus amigos? E, como o poeta/autor fala de Deus através de Jó e de seu sofrimento?

MATERIAL E MÉTODO

A presente pesquisa será desenvolvida a partir de uma perspectiva crítica. Serão considerados os componentes necessários para o conhecimento bíblico, como a história, a antropologia e a sociologia. O método de abordagem é o da teologia bíblica. Método que compreende várias fases no processo de sua execução. Ele reconhece que os textos bíblicos não apresentam um todo sistemático e valoriza suas reminiscências elaboradas em determinados períodos da história de Israel. Assim, sobre as bases dos resultados adquiridos a partir da exegese será desenvolvida a pesquisa e sua posterior interpretação e conclusão. É uma pesquisa do tipo bibliográfico, envolve um árduo processo dialético de leitura e releitura. Nesse caso do livro de Jó objetivando identificar a crise do discurso teológico ali encontrado. A execução será elaborada em primeiro momento a partir da

exegese da perícopre 42,1-8. Conforme necessário será desenvolvida a exegese de outros textos que julgarmos importantes para o esclarecimento e alcance dos objetivos propostos, que evidenciem o conflito entre a experiência de Jó a tradição que o antecede. Indispensável também é a leitura de textos teóricos referentes ao período pós-exílico da história de Israel e leituras que abordem todo o contexto sócio-político e ideológico do período.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Grande parte da literatura israelita preocupa-se com a história de seu povo. Sobretudo, quando falamos do pós-exílio, estamos falando de um período fragmentário. Embora a obra do Cronista (I e II Crônicas, Esdras e Neemias) tenha surgido nesse período, a preocupação dela ainda é com o passado de Israel. A história contemporânea não era tida como a mais importante (ARENHOEVEL, 2004, p. 318).

As experiências do exílio e do domínio estrangeiro marcaram a consciência histórica do judaísmo. A historiografia deuteronomista e a do Cronista testemunham que o Deus de Israel é o Senhor do mundo e da história, apesar da realidade do exílio e do domínio estrangeiro, respondendo exatamente às dúvidas quanto ao poder de Deus (MAIER, 2005, p.115).

A história era tida como palco da ação divina. Por isso a preocupação com ela. Israel era o lugar específico dessa ação. Iahweh sempre age nessa história desvendando o futuro e dando sentido ao presente (GUNNEWEG, 2005, p. 202). Toda a historiografia tem por objetivo responder a “problemática do poder” provocado pelo exílio e pela dominação estrangeira. A afirmação que Israel é o povo eleito de Deus é central e parte daí a preocupação em compreender a relação entre o poder de Deus e o exercido pelo domínio estrangeiro (MAIER, 2005, p. 121).

Gunneweg (2005, p. 322-223), afirma que a obra do cronista, tendo em vista essa preocupação, evidencia alguns temas. O primeiro é que a dinastia davídica está assentada no trono de Deus. O segundo diz respeito ao dogma da retribuição. Esse dogma foi aplicado ao indivíduo em alguns livros da literatura sapiencial. Assim, cada ser humano tem seu destino determinado por suas ações. O terceiro tema advém desse, ou seja, “quem peca é punido”. Daí vem a noção de que o verdadeiro Israel são aqueles que foram para o exílio. O quarto tema é a afirmação de que o verdadeiro Israel é uma teocracia². Todos temas voltados para a tentativa de reafirmar Israel como o povo de Iahweh.

Com Salomão é iniciada a coleta do material gnômico. Havia sábios, profetas, e sacerdotes pertencentes a classe dirigente. Responsáveis não só pelo direcionamento administrativo, mas também espiritual e religioso. Desse modo, enquanto a “sabedoria dos provérbios populares serve ao conhecimento das leis a fim de conseguir segurança para a vida, então a sabedoria tem um novo objetivo: a da formação humana” (ZIENER, 2004, p. 338) dentro do funcionamento administrativo do império salomônico.

Cinco são as obras literárias principais que nos dão acesso a tradição sapiencial de Israel: Provérbios, Jó, Eclesiastes (Qohélet), Sirácida e Sabedoria de Salomão (CERESKO, 2004, p. 54). Na literatura sapiencial³ de Israel encontramos obras diversas quanto ao conteúdo e quanto a forma. Algumas partes destes escritos pertencem ao período pré-exílico e outras, como *Jó*, *Eclesiastes*, *Eclesiástico* e *Sabedoria*, são

² Nas palavras de Gunneweg (*Idem*), “a obra do Cronista é um fracasso, (...) a experiência do cotidiano contradiz essa teocracia supostamente realizada, e essa contradição é inegável”. Desse fracasso consideramos a crise no pós-exílio. Crise da qual surge obras como a de *Jó* e *Qohélet*.

³ “Como “literatura sapiencial” costuma-se classificar textos que vão desde o mais antigo estoque de simples provérbios, passando aos poucos por séries de provérbios sobre o mesmo tema, até trechos em forma de tratados de caráter didático e poético” (MAIER, 2005, p. 104).

posteriores⁴. Nos seus modos existentes ela é manifestadamente pós-exílica. Embora esse tipo literário fosse muito antigo dentro de Israel. “O culto centralizado e instituições da corte introduzidos por Davi e Salomão proporcionaram ambientes oportunos para a literatura de salmos e de sabedoria a ser cultivada por funcionários régios” (GOTTWALD, 1988, p. 318). Assim a tradição judaica assumiu Davi como responsável pelos salmos e Salomão como sábio. Portanto, a atribuição de salmos e livros sapiências a Davi a Salomão respectivamente são tardias e pouco seguras. Mesmo que essa literatura tenha mesmo suas raízes no pré-exílio tal atribuição seria apenas uma forma de oferecer aos textos autoridade canônica.

Devemos ler Jó como se fosse uma teologia da história humana, ou seja, “Jó permanece na história e procura, insistentemente, não a eliminação catártica pura e simples da dor, mas fundamentalmente sua interpretação teológica” (ROSSI, 2005, p.13). O livro de Jó configura-se como uma quebra de um dogmatismo e moralismo que limitava a sabedoria as mistificações e fórmulas aparentes e superficiais da vida humana (GOTTWALD, 1988, p.533). O autor não procura dar explicações sobre o sofrimento do inocente, ele “está satisfeito por estabelecer que, na verdade, existe sofrimento *inocente*, algo que a dogmática sapiencial não poderia tolerar” (GOTTWALD, 1988, p.523).

REFERÊNCIAS

- BROWN, William P. Uma Atualização na Pesquisa da História de Israel. In: BRIGTH, John. História de Israel. SP: Paulus, 2003, p.553-575.
- CERESKO, Anthony R. *A Sabedoria no Antigo Testamento: espiritualidade libertadora*. SP: Paulus, 2004.
- GOTTWALD, Norman K. *Introdução Socioliterária à Bíblia Hebraica*. SP: Paulus, 1988.
- GUNNEWEG, Antonius H. J. *Teologia Bíblica do Antigo Testamento: uma história da religião de Israel na perspectiva bíblico-teológica*. SP: Teológica/Loyola, 2005.
- GUNNEWEG, Antonius H. J. *História de Israel: dos primórdios até Bar Kochba e de Theodor Herzl até os nossos dias*. SP: Teológica/Loyola, 2005.
- GUTIÉRREZ, Gustavo. *Falar de Deus a Partir do Sofrimento do Inocente*. RJ, Petrópolis: Vozes, 1987.
- HOUSE, Paul R. *Teologia do Antigo Testamento*. SP: Editora Vida, 2005.
- LÉVÊQUE J. O Ensino dos Sábios. In: VV.AA. *Os Salmos e os Outros Escritos*. SP: Paulus, 1996. Capítulo II, p. 101-130.
- LÍNDEZ, José Vilchez. *Sabedoria e Sábios em Israel*. São Paulo: Loyola, 1999.
- ROSSI, Luiz Alexandre Solano. *A Falsa Religião e a Amizade Enganadora: o livro de Jó*. SP: Paulus, 2005.
- SCHMIDT, Werner H. *Introdução ao Antigo Testamento*. São Leopoldo, RS: Sinodal, 1994.
- SICRE, J. Luis. *Introdução ao Antigo Testamento*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.
- TERRIEN, Samuel. *Jó*. SP: Paulus, 1994.
- WOLFF, Hans Walter. *Bíblia Antigo Testamento: introdução aos escritos e aos métodos de estudo*. SP: Teológica/Paulus, 2003.
- ZIENER, Georg. A Sabedoria do Oriente Antigo como Ciência da Vida: nova compreensão e crítica de Israel á sabedoria. In: SHREINER, J. *Palavra e Mensagem do Antigo Testamento*. SP: Teológica/Paulus, 2004. Capítulo XVII, p. 333-349.

⁴ São anteriores ao exílio partes dos ditos de Salomão, Pr 10,1-22,16; 25-29; e alguns salmos sapienciais. As datas aproximadas dos outros escritos pós-exílicos são: Jó, séc. III a.C.; Eclesiástico, cerca de 250 a.C.; Eclesiastes, cerca de 190 a.C.; e, Sabedoria, séc. I (ZIENER, 2004, p. 337).